



Sem ideias, nem experimentação, nem impulso para lançar empresas, não se cria riqueza nem trabalho

Os ricos têm mercados, os pobres têm burocratas

Eugénio Viassa Monteiro

Esta frase, título do capítulo de um livro sobre a pobreza, pareceu-me uma síntese genial do que tenho observado. De um lado, países a evoluir rapidamente porque tiveram um enquadramento económico capaz de impulsionar os mais intrépidos que quiseram correr riscos; do outro, países que ficaram a marcar passo, porque uns 'líderes carismáticos', iluminados, lhes impuseram um modelo económico esterilizante, como aconteceu com todos os países socialistas.

E a evidência do contraste é tão clamorosa como na Índia socialista até 1991 e, depois, a mesma Índia em economia de livre iniciativa: aquela crescendo a 3% e esta a mais de 8%!

Quando se suprime a competição pelas razões que se inventam, mas realmente pela inveja dos bem-sucedidos, grassa a mediocridade e estagna a economia: porque a capacidade de empreender estiola. Sem ideias, nem experimentação, nem impulso para lançar empresas, não se cria riqueza nem trabalho.

Deveríamos aprender como fomentar um *habitat* facilitador, com uma regulamentação mais

amiga do empreendedor e que o leve a libertar as suas potencialidades. Quando o caminho é praticável, sem obstáculos nem pontos escorregadios, progride-se depressa; e outros replicam: não temos a indústria do vidro e dos moldes, em profusão, na Marinha Grande? E não há boas fábricas de calçado em Guimarães? E São João da Madeira não é um *cluster* importante e progressivo das três coisas?

Deve haver uma taxa justa e firme para gerar receitas que torne possível ao Estado garantir as suas incumbências de segurança, de mão de obra instruída e treinada, de infraestruturas, etc. As atividades que compensam rapidamente se multiplicam até à saturação; depois, prosperam só as mais inovadoras.

Talvez tão pernicioso como colocar dificuldades absurdas é 'facilitar' com subsídios ou benesses *ad hoc*: as empresas que nascem à caça de subsídios desaparecem sem eles.

Há uma tentação dos políticos para intervirem pontualmente e mostrarem que são a causa do sucesso quando o mais necessário é criar um clima estável, amigo de empreender, sem esmagar com cargas que impeçam de conduzir com fluidez o processo produtivo. Se há quem se

mude para paragens mais convidativas, é bom ver o que nos falta para sermos tão convidativos também. O patriotismo é ótimo, mas nem sempre resiste ao 'teste ácido' do dinheiro...

Vendo as boas empresas portuguesas, com vitalidade, inovadoras, muitas delas globais, nada encontro nascido à sombra de subsídios (aproveitaram deles, com certeza); nasceram da força de vontade do seu iniciador ao identificar oportunidades e continuar a responder sabiamente a elas.

Numa economia de livre iniciativa devem surgir instituições financeiras à medida, disponibilizando capital para o arranque, para crescer, para expandir... porque tais instituições empreendem também, dando financiamento ajustado de modo a atrair e reter clientes.

E há quem empreenda oferecendo serviços e bens intermédios que facilitam a vida a outros, e, assim, tudo procede de modo rápido e eficaz. Surge daí um *habitat*, um caldo de cultivo, donde emergem sucessivas levas de empresários com ideias: isto é o que temos de tentar criar, como Bangalore ou Silicon Valley.

Professor da AESE